Revista Brasileira de Climatologia
Brazilian Journal of Climatology
OPEN ACCESS

# SECA COMO FENÔMENO GEOGRÁFICO: LETRAMENTO LITERÁRIO COM OS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO

## *Drought as a geographical phenomenon: literary literacy with High school students*

## *La sequía como fenómeno geográfico: alfabetización literaria con estudiantes de secundaria*

**Maria Camila Siqueira Santos Silva**
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG
prof.geocamilasantos@gmail.com

**Marcelo de Oliveira Moura**
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG
marcelomoura@ccen.ufpb.br

**Ivaine Maria Tonini**
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS
ivaine@terra.com.br

**Resumo:** O artigo propõe analisar como o letramento literário contribui para aprender o fenômeno da seca no ensino da Geografia. A construção do problema da pesquisa se apresentou através das dificuldades que os estudantes manifestaram concernente à compreensão das características e dos impactos relevantes para o entendimento da temática evidenciadas ao longo das aulas. Em termos metodológicos, foi desenvolvida uma pesquisa-ação com os estudantes de uma turma de 3º ano do ensino médio de uma escola pública situada no município de Afogados da Ingazeira – Pernambuco. A pesquisa-ação foi constituída por três sequências didáticas realizadas de maneira contextualizada com os estudantes. Alinhada a essa metodologia, foi proposto o uso do texto literário *O Quinze*, da escritora Rachel de Queiroz, como principal fonte de investigação dos conhecimentos geográficos. E fazendo uso da abordagem qualitativa, as ações planejadas, desenvolvidas e analisadas valorizaram a participação entre professora-estudantes e estudantes-estudantes, proporcionando um processo de ensino-aprendizagem mais dinamizador e contextualizado. Dito isso, acreditamos que o uso do letramento literário para o entendimento do fenômeno da seca nas aulas de Geografia demonstra ser

mais uma forma de tencionar as diferentes dimensões e os danos socioambientais deflagrados pela seca meteorológica na região do Semiárido brasileiro.
**Palavras-chave:** Leitura Literária. Pesquisa-Ação. Ensino de Geografia.

**Abstract:** The work proposes to analyze how literary literacy contributes to the learning of the phenomenon of drought in the teaching of Geography. The construction of the research problem was presented through the difficulties that the students manifested regarding the understanding of the characteristics and impacts relevant to the understanding of the theme evidenced throughout the classes. In methodological terms, an action research was developed with students of a 3rd year of High Sschool class of a public school located in the municipality of Afogados da Ingazeira – Pernambuco. The action research consisted of three didactic sequences carried out in a contextualized way with the students. In line with this methodology, the use of the literary text *O Quinze* (by Rachel de Queiroz) was proposed as the main source of investigation of geographical knowledge. And making use of the qualitative approach, the actions planned, developed and analyzed valued the participation between teacher-students and student-students, providing a more dynamic and contextualized teaching-learning process. That said, we believe that the use of literary literacy to understand the phenomenon of drought in Geography classes proves to be another way of straining the different dimensions and socio-environmental damage triggered by the meteorological drought in the Brazilian semi-arid region.
**Keywords:** Literary Reading. Action Research. Geography Teaching.

**Resumen:** Este trabajo se propone analizar cómo la alfabetización literaria contribuye al aprendizaje del fenómeno de la sequía en la enseñanza de la Geografía. La construcción del problema de investigación se presentó a través de las dificultades que expresaron los estudiantes respecto a comprender las características e impactos relevantes para la comprensión del tema destacado a lo largo de las clases. En términos metodológicos, la investigación-acción se desarrolló con estudiantes de 3º año de secundaria de una escuela pública ubicada en el municipio de Afogados da Ingazeira – Pernambuco. La investigación acción constó de tres secuencias didácticas realizadas de manera contextualizada con los estudiantes. En línea con esta metodología, se propuso el uso del texto literario *O Quinze* (de Rachel de Queiroz) como principal fuente de investigación del conocimiento geográfico. Y desde el enfoque cualitativo, las acciones planificadas, desarrolladas y analizadas valoraron la participación entre docentes-alumnos y alumnos-alumnos, brindando un proceso de enseñanza-aprendizaje más dinámico y contextualizado. Dicho esto, creemos que el uso de la alfabetización literaria para comprender el fenómeno de la sequía en las clases de Geografía resulta ser otra forma de considerar las diferentes dimensiones y daños socioambientales provocados por la sequía meteorológica en la región Semiárida brasileña.
**Palabras clave:** Lectura literaria. Investigación-Acción. Enseñanza de Geografía.

Submetido em: 23/11/2023
Aceito para publicação em: 13/02/2024
Publicado em: 14/07/2024

## 1. INTRODUÇÃO

O Semiárido brasileiro ainda é muito estereotipado, tido como um território incapaz de sanar as suas dificuldades e de atraso socioeconômico, o que reforça a necessidade de ações educacionais que promovam metodologias que levem a sua real compreensão e do fenômeno da seca. Na atualidade, o estudo dos fenômenos climáticos e suas relações com a sociedade tem ganhado destaque devido à preocupação com o aumento da exploração/degradação socioambiental das paisagens e da população, tendo como principal desfecho a mudança climática global de ordem social e todo os efeitos negativos dessa mudança para as paisagens e para a população de mais privação socioeconômica residente em territórios de maior risco ambiental/climático.

No âmbito escolar, a temática em tela aparece enquanto conteúdo da disciplina de Geografia. Uma das finalidades do ensino da Geografia, conforme a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BNCC, 2018), é estimular os estudantes a ter uma melhor compreensão do mundo, possibilitando assim intervirem responsavelmente onde vivem. Logo, é de grande relevância inserirmos o cotidiano dos estudantes e da comunidade no decorrer das aulas.

Pensemos no caso dos estudantes residentes em territórios da região semiárida, cuja presença da seca é um fenômeno mais cíclico (sazonal e interanual) do que excepcional e que gera impactos e danos de ordem natural, social, econômica e política. Não seria primordial para esses estudantes compreenderem a seca enquanto um fenômeno geográfico que pode ser intensificado pelas suas ações? Ou fundamental levar os estudantes a conhecerem a história de secas anteriores e possíveis instrumentos e técnicas capazes de amenizar os impactos gerados? Ou o quanto seria pertinente levá-los a refletirem sobre quais são as populações mais afetadas por esse fenômeno? Além disso, quais os recursos e as metodologias que poderiam contribuir para o ensino dessa temática? Tais questionamentos nos levam a refletir em torno dessa realidade e evidencia a importância do conteúdo da seca na Geografia escolar.

Frente às questões levantadas, imprime-se o objetivo central deste artigo: analisar como o letramento literário contribui para aprender o fenômeno da seca no ensino da Geografia. A partir dessa intenção, elencamos outros de natureza mais específica, são eles: propor a construção de práticas contextualizadas no ensino do fenômeno da seca a partir do cotidiano em que a comunidade escolar e os estudantes estão inseridos e avaliar, por meio do

letramento literário, como os estudantes estabelecem movimentos de ação-reflexão-ação sobre o fenômeno da seca.

As aulas de Geografia na educação básica são desenvolvidas seguindo uma base curricular, porém, dentre os variados conteúdos, o presente trabalho, irá se centrar no fenômeno da seca e nos seus vários aspectos com foco no nível local e regional. O trabalho de investigação tem como *lócus* a escola de atuação da autora principal, situada em um município de Pernambuco, visto ser esse um dos estados nordestinos com maior incidência das secas que, assim como em outros territórios da região, atinge as populações de maneira variada consoante o seu grau de vulnerabilidade social (Araújo, 2021).

Diante a essa conjectura, construímos três sequências didáticas (SD) aplicadas de maneira contextualizada às explorações de leituras literárias com os conteúdos específicos da disciplina no que concerne ao fenômeno da seca. Assim, visamos compartilhar, através da metodologia da pesquisa-ação, as práticas pedagógicas adotadas[1], as quais trouxeram para o debate temas como: os elementos que compõem o Semiárido, o fenômeno da seca e os seus impactos, as migrações internas e os recursos hídricos.

A escolha da pesquisa-ação e do tema se deu pelo fato de percebermos no contexto do ensino de Geografia lacunas com relação à compreensão do fenômeno da seca, principalmente, no livro didático, o qual é o recurso didático mais utilizado nas práticas pedagógicas. Nesse sentido, as discussões apresentadas ao longo dessa escrita constituem na pesquisa-ação os aspectos voltados a construção do conhecimento, a tomada de consciência e o desenvolvimento da criticidade pelos estudantes.

Consideramos também o uso do texto literário devido esse puder proporcionar ao estudante a capacidade de imaginação e pretendemos constituir um alinhamento entre Literatura e Geografia de forma que nenhuma dessas percam as suas especificidades e promova o *letramento literário*. Até o momento não se conhece estudos voltados ao tema, pois, apesar de pesquisas terem sido realizadas voltadas ao ensino de Geografia e Literatura, essas não estão fundamentadas no letramento literário, o qual é mais presente nos trabalhos de pesquisadores do ensino de linguagem.

[1] Devido à pesquisa ser de natureza qualitativa e de utilizar métodos que os pesquisadores se inserem também na pesquisa, o tempo verbal, apesar de não ser tão comum, será o verbo utilizado na primeira ou na terceira pessoa.

Acreditamos que a proposta deste trabalho se mostra de relevância educacional e social por apresentar uma organização que envolve os campos da Geografia e da educação e, por abordar a Literatura como uma ferramenta estrategicamente impressa na busca em aprender sobre a seca como um fenômeno para além das questões de ordem climática. Trazendo, assim, uma discussão eminentemente ainda necessária em todas as suas dimensões.

Partindo disso, o estudo foi centrado em obras de autores como: Ab'Saber (1999), Campos (2006), Batista (2019) e Araújo (2021), os quais imprimem importantes contribuições em torno da seca como fenômeno geográfico, além de aspectos da região Semiárida do Nordeste. Para o entendimento do letramento literário, temos como embasamento teórico-metodológico as ideias impressas pelos autores Paulino (2010), Cosson (2021a, 2021b) e Cosson e Lucena (2022). Já as obras de Monteiro (1988), Olanda e Almeida (2008), Cavalcante (2016) e Moura (2019) contribuíram para refletir sobre a relação entre Geografia e Literatura, o que fundamentou a nossa pesquisa-ação, tendo por referência para a realização dessa Engel (2000), Thiollent (2002) e Barbier (2004).

## 2. LETRAMENTO LITERÁRIO E SECA: LINHAS HISTÓRICO-CONCEITUAIS

As aproximações entre a Geografia e a Literatura não são recentes, conforme apontam Fernandes (2013) e Suzuki (2017) que destacam que os registros envolvendo essas aproximações remontam ao século XIX com Alexander Von Humboldt em sua obra *Cosmos*, além da presença de uma Geografia na obra literária *Odisseia* em um artigo escrito no ano de 1904 por Paul Vidal de La Blache. Essas aproximações ganham mais relevo a partir da década de 1940, em especial, com estudo de obras literárias associadas às perspectivas geográficas realizadas por pesquisadores franceses (Olanda; Almeida, 2008).

Apesar desse cenário, pouco se discutia a relação entre Geografia e Literatura como um campo do conhecimento, porém, a partir da década de 1970, por meio do desenvolvimento das ideias humanísticas, a relação entre as duas áreas ganha destaque. No ano de 1979, a relação entre Geografia e Literatura é tema central do encontro de geógrafos britânicos, assim essa relação ganha ainda mais notoriedade acadêmica. Com base nas pesquisas feitas por Fernandes (2013) a relação entre Geografia e Literatura passa a ser vista a partir de três aspectos, "primeiramente, a literatura aparece como complemento de uma

geografia regional; em um segundo momento, como transcrição da experiência dos lugares; e em um terceiro momento, como crítica social da realidade" (Fernandes, 2013, p.171).

Mais recentemente, autores como Cavalcante (2020) propõe uma Geografia literária em que tanto a Literatura quanto a Geografia estejam centradas na apreensão do mundo. Muito se tem buscado contextualizar a Literatura ao ensino da Geografia, esse tema tem se feito presente no Brasil, principalmente, nas duas últimas décadas, contudo, apesar de um número crescente de trabalhos abarcarem essa relação, não se conhece estudos voltados as possíveis contribuições de um letramento literário no ensino de Geografia, pois os estudos voltados ao letramento literário sempre têm como referência as disciplinas de Língua Portuguesa ou o ensino da literatura literária.

Conforme Soares (2009), respeitada pesquisadora na área de linguagem, o termo "letramento" surge na década de 1980 entre os especialistas da Educação e das Ciências Linguísticas. O sentido do termo partiu da tradução da palavra inglesa *literacy*, que vem etimologicamente do latim *littera* que significa "letra" acrescido do sufixo "mento".

A pesquisadora Roxane Roxo em participação ao programa "Escrevendo o Futuro para o curso *on-line* - Caminhos da Escrita" explica que, quando o termo letramento surgiu, os autores interligavam-no ao alfabetismo, compondo desta forma um tipo de conhecimento que era valorizado pelo ambiente escolar. Por esse motivo, apesar do termo letramento já está amplamente presente no nosso dia a dia, ainda é utilizado algumas vezes como sinônimo de alfabetização, havendo, assim, a necessidade de distingui-los (Programa Escrevendo o Futuro, 2023).

De acordo com Soares (2009), a alfabetização está centrada no ato de levar as pessoas a ler e escrever, entretanto, diante do contexto atual somente saber ler e escrever não é suficiente, é preciso levar as pessoas a dominarem a prática de leitura e escrita e incorporá-las em suas práticas sociais. Foi dessa necessidade que surgiu o termo "letramento" que pode ser definido como "o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita" (Soares, 2009, p.18). Acreditamos ser fundamental fazer esse breve relato em torno da origem do termo letramento para então compreender o que seja o "letramento literário".

Conforme Andrade (2009), a aplicação da expressão “letramento literário” ainda é algo novo, visto que o seu uso no Brasil se deu por volta do ano de 1990. Porém, de acordo com Cosson (2021a), o emprego da expressão “letramento literário” tem se feito presente não somente no contexto brasileiro, visto que há registros do seu uso em outros países, principalmente os de língua inglesa, onde sua utilização está centrada nos estudos sobre leitura e literatura. Em 1987, a expressão foi mencionada por um pesquisador australiano para se referir a importância de associar o ato de ler ao ato de aprender. Em 1988, o letramento literário foi empregado por um canadense voltado ao ensino da literatura. Anos após, no final da década de 1990, a expressão foi difundida por estudiosos dos Estados Unidos associada à competência de ler literatura. Depois dos anos 2000, a expressão “letramento literário” passou a estar mais presente em estudos sobre o ensino da língua e o lugar da literatura.

Para esses autores, o letramento literário pode ser definido como uma prática de apropriação e interpretação dos textos literários de forma crítica, além disso, deve ser uma prática valorizada no ambiente escolar, embora não exclusiva dela, para não correr o risco de deixar de existir. No contexto educacional brasileiro, o conceito de letramento literário foi formulado por Graça Paulino em parceria com o professor Rildo Cosson conforme apresentado em *webinário* de comemoração pelos 10 anos do Grupo de Pesquisa - *Literatura: Estudo, Ensino e (Re)leitura do Mundo* (GPLEER) da Universidade Estadual do Ceará (UECE)[2] pela professora idealizadora, coordenadora e líder do grupo de pesquisa, Dra. Cleudene Aragão. De acordo com Rosa (2011), é na obra escrita por Graça Paulino (Paulino, 2010), por incentivo do seu amigo Rildo Cosson, intitulada *Das leituras ao Letramento Literário (1979-1999),* 2010, que é possível perceber o nascimento da expressão “letramento literário”.

Na obra, a expressão “letramento literário” se “configura a existência de um repertório textual, a posse de habilidades de trabalho linguístico-formal, o conhecimento de estratégias de construção de texto e de mundo que permitem a emersão do imaginário no campo simbólico” (Paulino, 2010, p.143). Já Cosson (2021a) define como o tipo de letramento que se insere em uma concepção maior do que o simples uso da escrita e apresenta duas sequências exemplares, onde em ambas, a escrita aparece associada à leitura como forma de favorecer

[2] GRUPO DE PESQUISA - LITERATURA: ESTUDO, ENSINO E (RE)LEITURA DO MUNDO DA UECE. Palestra de abertura: Com quais leituras se forma um leitor literário?. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=74LsgSlhNjU. Acesso em: 13 set. 2023.

um letramento literário efetivo. É pensando nisso que Cosson e Lucena (2022) apresentam variadas práticas de letramento literário no espaço escolar a partir de experiências vivenciadas por docentes que obtiveram um ensino de sucesso.

É com base nessas propostas e nas ideias mencionadas que buscamos investigar como o letramento literário pode contribuir para o ensino da Geografia. Para isso, elegemos como conteúdo de análise o fenômeno da seca. Para Araújo (2021, p.52), qualquer território pode se deflagar uma seca, porém "as terras secas (que compreendem as zonas áridas, semiáridas e subúmidas secas) apresentam como característica comum o fenômeno climatológico das secas, que pode ser caracterizado sumariamente por uma quantidade de chuvas inferior à média anual de um dado lugar". Nessas áreas a seca é um fenômeno comum, logo, o Semiárido nordestino é marcado por esse fenômeno. Os registros de seca da região do Semiárido brasileiro estão presentes desde o período Colonial,

> nos séculos XVIII e XIX ocorreram secas em 1710/11, 1723/27, 1736/37, 1744/45, 1777/78, 1783/84, 1791/92, 1808/09, 1824/ 25, 1835/37, 1844/46, 1869/70, 1877/79 e 1888/89. Além destas, podemos citar ainda no século XX as de 1903/04, 1915, 1930/32, 1951/53, 1958, 1970/71, 1979/83 e a de 1998 (Campos, 2006, p.182).

Conforme Martins *et al.* (2015), a partir do ano de 1845, ainda durante o Império do Brasil, houve 32 anos com invernos consideráveis que resultaram no aumento da população e do número de rebanhos, contudo, esses habitantes cresciam em quantidade, mas sem o conhecimento necessário em torno do problema da seca. Devido a isso, essa população se tornou vulnerável e foi altamente afetada pelas secas de 1877 e de 1889. Para Freitas e Padilha (2020), foi por meio dessa seca que o fenômeno passou a ser compreendido como um problema para o nosso país, pois gerou a morte de cerca de 300 mil pessoas e migrações intensas para a Amazônia.

Esse acontecimento gerou uma mudança na visão do governo sobre as necessidades de políticas públicas que pudessem mitigar os efeitos da seca e reduzir a vulnerabilidade da população. Assim, propostas foram formuladas durante o Império e executadas no decorrer da República, entre elas ganharam destaque a implementação de construções hidráulicas. Todavia, esses investimentos não foram suficientes, visto que as secas dos anos de 1915 e 1932 foram muito severas e resultaram em um intenso fluxo migratório pelo país. Parte dos

migrantes ficaram aglomerados em campos de concentração onde eram vigiados atentamente pelos soldados.

Segundo os autores, apesar das razoáveis melhoras no desenvolvimento da região Nordeste, no final da década de 1950 tivemos uma das secas mais severas da história, as discussões em torno da mesma culminaram na criação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE). Em consequência disso, houve uma melhora nas políticas de mitigação das secas, porém alguns fatores ainda eram limitantes e dificultavam uma prática mais efetiva como, por exemplo, a fragilidade institucional.

Na década de 1990, os debates internacionais colocaram em pauta temas de grande relevância como a mudança climática, a questão da desertificação e a importância da sustentabilidade. Mas recentemente, a partir do ano de 2012, com o fenômeno da seca em vários países, surgiram novas discussões no cenário global em torno da necessidade de criar novas políticas sobre a seca. No Brasil, essa seca de 2012-2017 reafirmou a necessidade de discussões sobre a política e a gestão das secas de forma que aumentassem também os esforços de como se preparar para as secas seguintes. Entre os órgãos que levantaram essa preocupação, estava o Ministério da Integração Nacional (MI). Por esse motivo que representantes do Governo Brasileiro estiveram presentes na Reunião de Alto Nível de Políticas Nacionais sobre Seca realizada em Genebra no ano de 2013.

Para Martins *et al.* (2015), a gestão das secas dedicava a sua atenção mais aos sintomas do que as vulnerabilidades perante esse fenômeno, constituindo assim uma resposta a uma crise já existente. Partindo dessa ideia, defendem a alteração de paradigma, passando da Gestão de Crises para uma Gestão de Riscos. “A Gestão de Riscos ou, em outras palavras, uma gestão proativa da seca, significa tratar as vulnerabilidades e não os sintomas, a partir de mecanismos para melhor monitorar e antecipar eventos de seca, o que deve orientar as medidas de preparação e alívio aos efeitos da seca” (Martins *et al.*, 2015, p.18).

Para isso, contamos com o Monitor das Secas, gerido pela Agência Nacional das Águas (2020, 2023), que, como o próprio nome sugere, constitui um tipo de ferramenta de monitoramento das secas e da classificação dos graus de severidade do fenômeno e de seus danos e impactos. Criado no ano de 2014, o Monitor atendia somente os estados da região Nordeste, atualmente abrange a maioria dos estados brasileiros. Esse monitoramento regular

exerce papel fundamental para a adoção de medidas diante das situações apresentadas já que constitui um fenômeno cíclico.

A seca é muito retratada em cordéis, músicas, filmes e textos literários, entre esses está *O Quinze*, romance de estreia da cearense Rachel de Queiroz. A obra modernista *O Quinze*, composta de 26 capítulos, foi publicada em 1930 e retratava o município de Quixadá, sertão central cearense. Tornou-se muito popular devido à ambientação em torno da grande seca de 1915, de temas e problemas da região Nordeste, figuras humanas e dramas sociais da vida sertaneja. Em seus depoimentos, Rachel de Queiroz definia o Nordeste enquanto uma região que sofre com os períodos de estiagem, não sendo propriamente seco, um problema que, de acordo com ela, poderia ser mitigado caso houvesse políticas sistemáticas efetivas (Cavalcante, 2016).

Essa temática da seca aparece relacionada a vários conteúdos inerentes à disciplina de Geografia, possibilitando assim que o uso da obra contribua para uma melhor compreensão dos estudantes em relação ao contexto em que estão inseridos.

## 3. METODOLOGIA

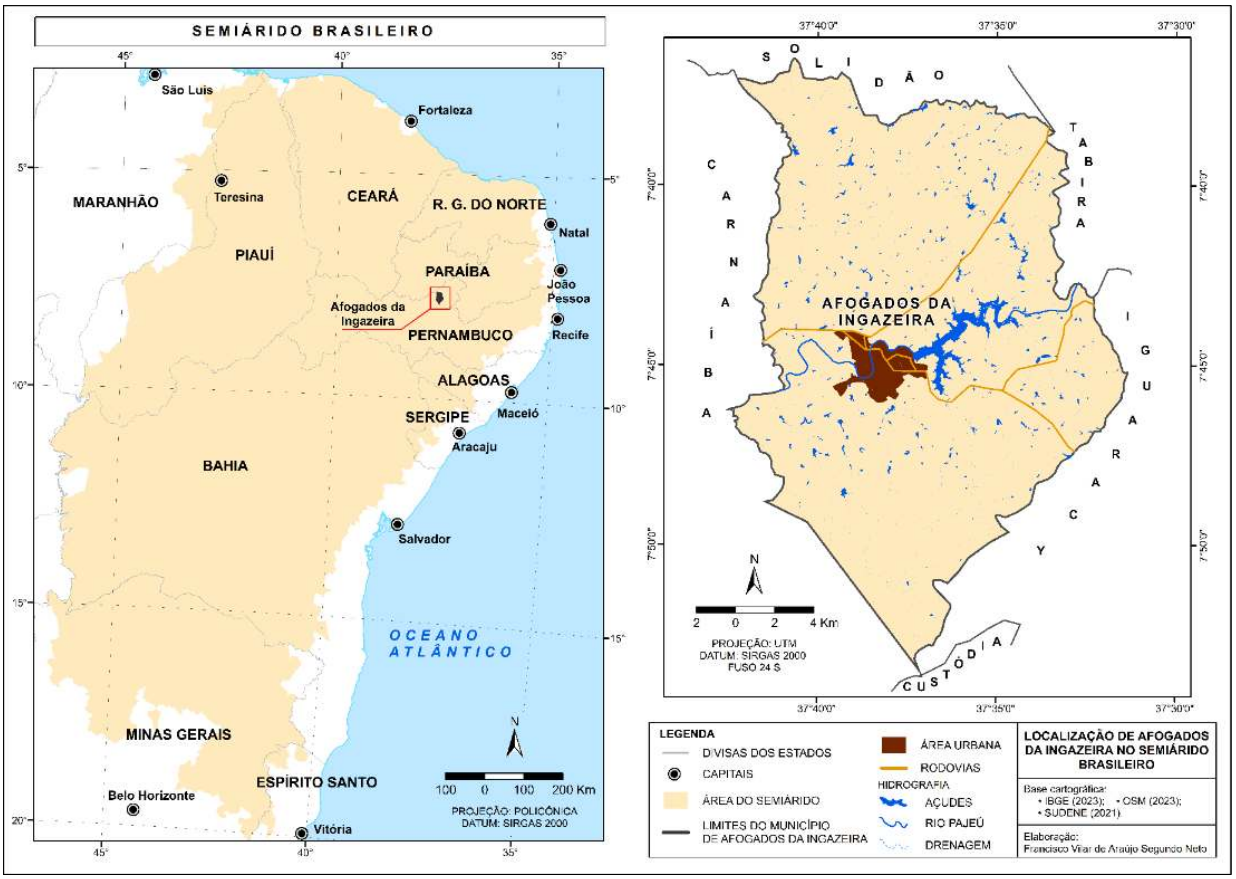
De acordo com Gil (2002), a pesquisa está presente nos mais diferentes setores da sociedade por meio da prática investigativa na busca pela resolução de um problema ou compreensão de uma dada realidade. Nisso, existem vários tipos de pesquisas, entre essas está a pesquisa-ação que, para Engel (2000), é um tipo de pesquisa participante que tem por finalidade unir a pesquisa à ação e, devido ao seu grande potencial, está sendo aplicada em diferentes áreas de atuação, entre essas na educação.

Nesse contexto, por meio da pesquisa-ação, realizamos três sequências didáticas (SD) com os estudantes da turma do 3º ano "A" da Escola de Referência em Ensino Médio Cônego João Leite Gonçalves de Andrade (EREM CJL)[3], estando esses inseridos no contexto do Semiárido como apresentado na Figura 1.

[3] Cabe destacar que a realização da pesquisa foi devidamente autorizada pela direção da escola tida como *lócus* investigativo, e a escolha da turma se deu devido à autora principal do trabalho acompanhá-los desde o primeiro ano do ensino médio com a disciplina de Geografia. A turma no ano em questão iniciou com um total de 28 estudantes, aumentando posteriormente para 33 no total.

Para cada SD, houve a realização de leituras para o aprofundamento dos conhecimentos sobre o tema da seca com a finalidade de qualificar a elaboração delas. Entre todas as obras de caráter regionalista lidas, escolhemos *O Quinze* de Rachel de Queiroz devido seu enredo se ambientar em torno de uma grande seca na região Semiárida, além de evidenciar a percepção socioambiental dos personagens frente à seca e de seus danos.

**Figura 1 -** Localização de Afogados da Ingazeira no Semiárido brasileiro




**Fonte:** Elaborado por Francisco Vilar de Araújo Segundo Neto (2023).

O Quadro 1 imprime as SD desenvolvidas com os estudantes, contextualizadas no ensino do fenômeno da seca a partir do cotidiano em que a escola e os estudantes estão inseridos. Em razão do número de aulas disponíveis para o primeiro bimestre do ano de 2023 e imprevistos ocorridos no decorrer desse ano, foi necessário reavaliar o planejamento das SD.

**Quadro 1** - Sequências didáticas desenvolvidas com a turma do 3º ano A

| Sequências didáticas | Datas das ações realizadas nas sequências | Quantidade de aulas utilizadas em cada sequência. |
|---|---|---|
| 1- *Leitura literária: conhecendo o Semiárido do Brasil através da obra O Quinze* | 14, 24, 28 de fevereiro/2023 e 02, 07, 14 de março/2023 | 12 aulas |
| 2- *Círculo de leitura: a seca e os seus impactos* | 28 de março/2023 e 04 de abril/2023 | 04 aulas |
| 3 - *O fenômeno da seca no município de Afogados da Ingazeira-PE* | 18 e 25 de abril/2023 | 04 aulas |

**Fonte:** Elaborado pelos autores (2023).

A avaliação dos estudantes ocorreu mediante o acompanhamento constante do processo de ensino-aprendizagem no decorrer da realização de todas as sequências, tomando como critério o seu envolvimento nas atividades escritas e orais, individuais e em grupo, bem como o aprofundamento teórico em torno das temáticas trabalhadas. A última etapa metodológica foi a análise das práticas pedagógicas aplicadas. Assim, buscamos avaliar, por meio do letramento literário, como os estudantes estabelecem movimentos de ação-reflexão-ação sobre o fenômeno da seca.

## 4. SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS: PESQUISA-AÇÃO COM OS ESTUDANTES

A finalidade aqui é apresentar possibilidades concretas de organização das estratégias a serem empregadas na aula de Geografia na educação básica para a compreensão do fenômeno da seca, tema elencado por se fazer presente no cotidiano dos estudantes. As três Sequências Didáticas utilizadas na pesquisa são apenas exemplos que podem ser combinadas com outras estratégias consoante aos interesses dos envolvidos.

A primeira sequência didática, intitulada ***Leitura literária: conhecendo o Semiárido do Brasil através da obra O Quinze,*** teve como objetivo geral identificar e reconhecer os elementos que compõem o Semiárido brasileiro a partir do romance. A SD foi subdividida em três etapas, a saber: Na primeira etapa, considerando as etapas constituintes da sequência básica e expandida apresentadas por Cosson (2021b), na qual a motivação seria uma forma de preparar os estudantes para entrar no texto, iniciamos a aula exibindo a capa do livro *O*

*Quinze* e instigando-os a partir de alguns questionamentos. Os estudantes tiveram uma boa participação nesse momento, isso se deve ao fato de a imagem poder aguçar o olhar deles em torno do tema tratado, facilitando, assim, o seu entendimento, pois, conforme Batista (2019, p.216), "quando o conteúdo trabalhado é feito através do estímulo visual, se percebe um maior interesse e motivação".

Seguindo as recomendações de Cosson (2021b), essa motivação foi realizada no início de uma aula mais longa, para podermos, então, passar de imediato para a introdução, a qual consistiu na apresentação da obra que iríamos trabalhar no decorrer do bimestre nas aulas de Geografia e seu respectivo autor. Justificamos a escolha do livro evidenciando que *O Quinze* traz como temática principal o fenômeno da seca, fenômeno esse comum na região em que estamos inseridos.

Em seguida, distribuímos os livros para os estudantes, propomos a elaboração de um cronograma de leitura a ser realizado em casa e marcamos o dia para nos encontrarmos e conversarmos sobre o andamento da leitura, momento, denominado por Cosson (2021b), de "*intervalo*". Chegando o dia para a realização do intervalo, com as cadeiras da biblioteca da escola dispostas em círculo, convidamos os estudantes a se dirigem à biblioteca e apresentarem os resultados de suas leituras mediante uma simples conversa.

Algumas indagações foram sendo feitas aos estudantes e, para ampliar a discussão, apresentamos imagens (retiradas da *internet* em *sites* diversos) que mantinham alguma relação com os aspectos da seca. Os estudantes apresentaram uma boa interação durante a realização do nosso intervalo, o que mostra ser um tipo de atividade que pode expandir os seus horizontes para além da língua portuguesa ou do ensino da literatura. Nele pudemos relembrar alguns dos conceitos geográficos e identificar algumas das características do Semiárido. O processo de assimilação do enredo com o cotidiano fez parte de todo o momento da realização da atividade.

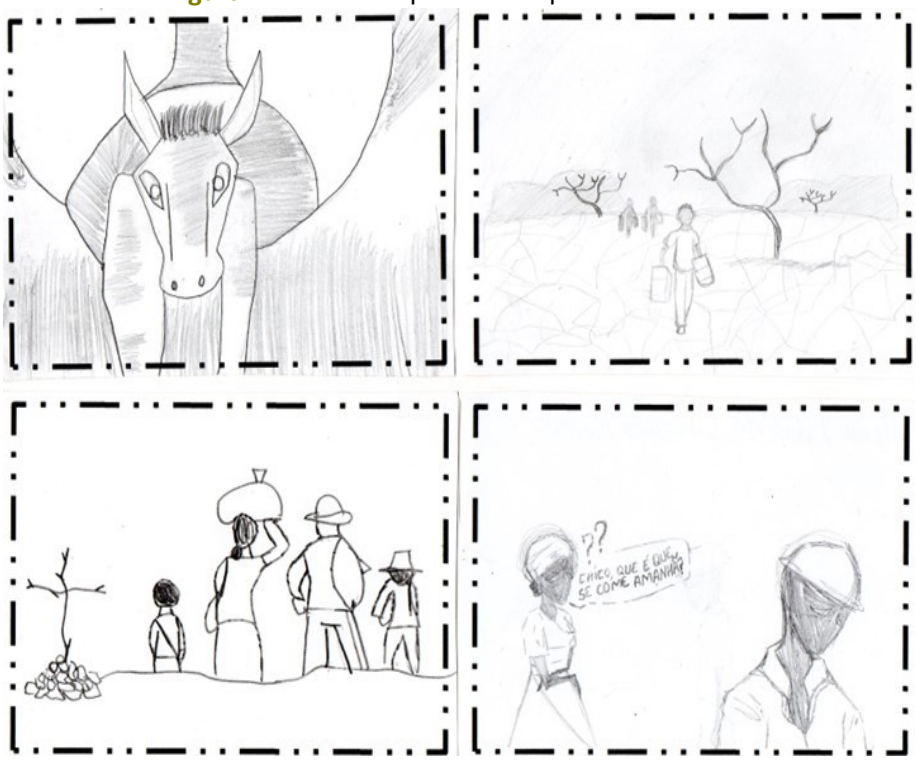
No término do círculo de leitura, ouvimos um depoimento da bibliotecária da escola enquanto moradora do Semiárido que já vivenciou várias secas, além de vir de uma família de retirantes. Consideramos o depoimento enquanto um tipo de atividade de grande relevância, pois, através das lembranças do passado vivenciadas pela pessoa que conta, permite que as pessoas que escutam usem a imaginação e construam imagens do discurso. Enquanto

depunha, todos os estudantes a ouvia atentamente e puderam lembrar de histórias contadas por familiares.

Na aula seguinte, solicitamos aos estudantes que escolhessem e ilustrassem a cena do romance que mais despertou a sua atenção, etapa classificada por Cosson (2021b) como *interpretação* que consiste em expandir os sentidos construídos individualmente através do compartilhamento entre os membros de uma coletividade. Consideramos o desenho um recurso importante no ensino da Geografia ao passo que permite que os estudantes possam se expressar livremente, além de que "o desenho enquanto linguagem polissêmica nos proporciona sair da forma oral e escrita, tão habituais no cotidiano escolar" (Lima Junior, 2021, p.165).

Podemos perceber que, entre as cenas ilustradas, as mais comuns foram o processo de migração dos personagens da família de Chico Bento e a perda do filho Josias. Ao explicarem o motivo da escolha das cenas, os estudantes evidenciavam que essa se deu principalmente devido ao sofrimento oriundo da seca que certamente alguns dos seus parentes possam ter passado. Na Figura 2, está representado alguns dos desenhos produzidos.

**Figura 2** - Desenhos produzidos pelos estudantes




**Fonte:** Produção dos estudantes da turma do 3º ano A com base no livro *O Quinze* (2023).

Na segunda etapa, a atividade proposta aos estudantes foi a realização de uma entrevista informal que, segundo Cosson (2021a, 2021b), é uma forma de interpretação do texto literário que permite aos estudantes uma maior liberdade para pensar sobre a obra lida. Para a realização da atividade, os estudantes em dupla questionaram entre si o que mais os atraiu na leitura do livro *O Quinze*, escrevendo em seguida um texto sobre as suas opiniões semelhantes e diferentes. Solicitamos também que, ao conversarem sobre o livro, pudessem identificar características presentes em nosso município, tais como: o tipo de clima, a vegetação predominante, as formas de relevo e a hidrografia existente.

No decorrer desse trabalho, ouvíamos diálogos produtivos entre os estudantes, um deles associava o conteúdo do livro com o filme *Canudos*, o qual havia assistido recentemente na aula de História. Foi possível também ouvir a insatisfação de alguns estudantes com o final do livro, por não fica claro o que acontece com a família de Chico Bento ao ir para São Paulo.

Na terceira etapa da SD, no auditório da escola, iniciamos a aula lançando alguns questionamentos orais sobre as características do Semiárido, onde os estudantes puderam mencionar, como aspectos principais, o clima quente, os baixos índices de chuva e a vegetação da caatinga. Posteriormente, com o auxílio de *slides,* discutimos em torno dos componentes ambientais e climáticas da região Semiárida, presentes em nosso município.

Após a apresentação do *slide,* foi o momento de assistir ao documentário intitulado *Convivência com o Semiárido* da TV Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA). A partir do documentário, pudemos discutir diversos pontos e debatermos duas frases apresentadas em seu enredo que despertou o interesse da turma: “no Semiárido não falta água, falta justiça” e “o problema não é a seca e sim a cerca”.

No término da aula, solicitamos aos estudantes que registrassem uma fotografia ambientada no município de Afogados da Ingazeira, ou em município próximo, relacionada às características estudadas do Semiárido, acrescida de um comentário elaborado pelo próprio estudante. Optamos pela atividade de fotografia por possuir um grande potencial, “destacamos que sua importância para a compreensão dos lugares não se restringe apenas ao aspecto do visível, mas, sobretudo, dentro de uma perspectiva forma-conteúdo” (Lima Junior, 2021, p.21). Na Figura 3, destacamos algumas das fotografias e seus respectivos comentários.

**Figura 3** - Registros fotográficos dos estudantes



Aqui vemos que esse riacho está bem raso devido ao clima escaldante, mas que em épocas de chuva seu volume é bem maior. Porém, a maior parte do ano ele permanece raso. E como podemos ver somente algumas plantas que estão próximas a ele estão verdes enquanto as outras mais distantes estão praticamente secas.



O mandacaru é uma planta típica da caatinga, ele ajuda a restaurar o solo da região Nordeste muito degradado pela seca. Serve como alimento para os animais e tem grande capacidade de armazenar água.



Essa foto mostra um pouco de como as plantas perdem as folhas na seca para economizar água nos tempos sem chuva.



Foto tirada no sítio Carnaubinha. A palma é uma espécie de planta da Caatinga e é muito utilizada durante os períodos de estiagem no Sertão Pernambucano.

**Fonte:** Fotografias do arquivo pessoal dos estudantes, elaborado pelos autores (2023).

Apesar da região Semiárida possuir aspectos variados, boa parte dos estudantes fizeram em seus comentários referência à vegetação da caatinga, nas suas justificativas por escolherem esse aspecto, mencionaram que, além de bela, essa merece atenção já que é exclusivamente brasileira e está sofrendo com o processo de degradação. Três estudantes relataram sobre a hidrografia, sendo dois referentes aos açudes que secam em períodos de estiagem e um referente à Barragem de Brotas durante um ano de cheia. Somente uma das estudantes abordou sobre a criação de animais e as formas de cultivo, enquanto outra relatou sobre o relevo.

A segunda sequência didática, intitulada ***Círculo de leitura literária: a seca e os seus impactos***, teve como objetivo central compreender os efeitos/impactos do fenômeno da seca na vida dos sertanejos/estudantes, a qual foi subdividida em duas etapas. Na primeira etapa da SD, levamos novamente os estudantes para a biblioteca da escola que estava organizada com mesas com cinco cadeiras cada e com o material que seria utilizado no decorrer da aula

pelos estudantes. A turma foi convidada a se dirigir à biblioteca, logo após as boas-vindas, explicamos a dinâmica da aula que consistia na realização de um círculo de leitura literária que é uma prática de leitura colaborativa na qual os leitores discutem e produzem suas interpretações de trechos lidos anteriormente.

Os estudantes receberam a dinâmica da aula com entusiasmo, pois até o momento não haviam realizado trabalhos semelhantes a esse. Constatamos que, logo ao entrarem nas salas, os alunos já iam se direcionando ao grupo do qual gostariam de fazer parte. Cada grupo contava com um cordel intitulado *A seca do Ceará*[4] do Paraibano Leandro Gomes de Barros e cinco cartões de funções que os estudantes poderiam escolher livremente entre si a função que seria atribuída a cada um. "Os cartões de função são tarefas previamente determinadas que ajudam a explorar o texto. No círculo de leitura, esses cartões orientam a discussão, guiando os leitores menos experientes no manuseio da obra" (Cosson, 2021b, p.83).

Em suas obras, Cosson (2021a, 2021b) indica vários cartões de função dentre eles escolhemos cinco para se fazerem presentes para esse momento: a) questionador: faz perguntas sobre o texto aos colegas dando início a discussão; b) iluminador de passagem: seleciona uma ou duas passagens do texto que despertou a sua atenção e as compartilham com os colegas pedindo a sua opinião; c) conector: escolhe um trecho da obra e busca manter uma relação com outro texto ou acontecimento questionando se os colegas concordam ou não com o que foi destacado; d) sintetizador: faz uma síntese do que é abordado no texto analisando a opinião em comum do grupo e, por último, e) registrador: faz o registro da discussão do grupo sendo o mais fiel possível dos acontecimentos.

A interação dos estudantes no desenvolvimento da atividade foi muito significante e, ao analisarmos as respostas dos cartões de função, pudemos constatar um número considerável de informações pertinentes em cada uma das funções escolhidas. Predominantemente as discussões estavam voltadas as ações governamentais propostas para reduzir os impactos da seca, o papel que a sociedade exerce para contribuir para a redução dos danos desse fenômeno, o sofrimento dos migrantes que fogem em busca de sobrevivência e a relação entre o cordel trabalhado com *O Quinze*. Questionamentos que geraram bons debates nos grupos, conforme Figura 4.

[4] Disponível em: http://www.ablc.com.br/a-seca-do-ceara/. Acesso em: 31 mar. 2023.

**Figura 4** - Círculo de leitura literária



**Fonte:** Arquivo pessoal dos autores (2023).

Dando continuidade à SD, para a segunda etapa, planejamos desenvolver atividades voltadas às migrações internas e à urbanização do Brasil. A atividade escolhida para iniciar a aula foi a leitura protocolada, havendo a apresentação de um texto literário, em que o professor realiza a leitura oral, pausas são feitas acompanhadas de questionamentos sobre o que irá acontecer na narrativa. Logo,

> a ideia é que cada estudante construa inferências a respeito do texto a partir de suas experiências e conhecimento de mundo. Conforme a narrativa avança, mais informações devem ser levadas em consideração, o aluno deve, então, fazer previsões e checar a compatibilidade dessas previsões com o que já é sabido do texto (Pereira; Batista, 2022, p.137).

O texto literário que escolhemos para usar como exemplo da prática é intitulado *O homem da favela*[5], de Manuel Lobato. A narrativa se centra em temas como ocupação urbana, o processo de urbanização, a favelização assim como violência e preconceito, temáticas que geram inúmeras reflexões por serem recorrentes e estarem presentes amplamente nas discussões da sociedade atual.

A cada pausa deixamos o espaço aberto para a discussão sobre o que cada um teria a dizer em torno do enredo, pois "isso faz com que, inconscientemente, os estudantes se sintam acolhidos e entendam que suas visões sobre o texto são relevantes e importantes para o

[5] Disponível em: https://educaemcasa.petropolis.rj.gov.br/uploads/arquivos/1614685269-hgtp-et-e-er-atividade-01-semana-25-02-21-leandro-santana-pdf.pdf. Acesso em: 04 abri. 2023.

professor" (Pereira; Batista, 2022, p.141). Percebemos que, ao longo dos questionamentos, alguns estudantes mudavam de opinião e reformulavam a sua interpretação, além de que iam aumentando a sua interação ao longo do desenvolvimento da atividade, visto que, com o desenrolar da narrativa, todos estavam ansiosos para saber o final da história. Até mesmo os estudantes mais reservados da turma puderam participar com maior liberdade, despertando assim o sentimento de pertencimento do grupo.

Posteriormente, questionamos aos estudantes se poderíamos estabelecer alguma relação entre o conto *O homem da favela* e o romance *O Quinze*. Apesar de refletirem por certo tempo, os estudantes apresentaram dificuldade em identificar qualquer tipo de ligação entre as duas histórias. Diante disso, buscamos instigá-los por meio da apresentação de cartuns sobre a temática. Logo após exibir os cartuns, os estudantes começaram a mencionar a inúmera quantidade de nordestinos que deixaram a sua terra natal devido à seca e foram em direção a São Paulo ou outras partes do Brasil em busca de trabalho, ou apenas de meios que garantissem a sua sobrevivência. O fluxo migratório viria a contribuir para um processo de urbanização acelerado, resultando na falta de planejamento da infraestrutura urbana e na instalação das famílias de baixa renda em áreas de periferia, pois, há uma segregação socioespacial nas cidades brasileiras intensificada pelo processo de industrialização e do êxodo rural.

A terceira sequência didática, intitulada ***O fenômeno da seca no município de Afogados da Ingazeira-PE***, teve como propósito compreender os efeitos/impactos do fenômeno da seca na vida da população afogadense, a qual foi subdividida em duas etapas. Na primeira etapa, buscamos trabalhar com algumas letras musicais: *Asa Branca* de Luiz Gonzaga e *Chuva de Honestidade* de Flávio Leandro. Um ponto importante é que, intencionalmente, as músicas em questão possuem uma ordem cronológica, tendo a primeira sido escrita em 1947 e a segunda em 2013. Nossa intenção foi mostrar aos estudantes que o fenômeno da seca retratado na música do século passado continua gerando preocupações no contexto atual para a população semiárida.

Para isso, com o auxílio de uma caixa de som, ouvimos as duas músicas e lançamos alguns questionamentos para interpretação, a saber: a) O que há em comum nas letras das músicas?; b) Na sua visão, qual das músicas retrata mais os danos sociais oriundos do fenômeno da seca?; c) Qual dos trechos das músicas mais lhe chama a atenção e por quê? e

d) A música *Asa Branca* foi escrita em 1947 e a música *Chuva de Honestidade* em 2013. Quais aspectos do fenômeno da seca se mantiveram presentes e o que mudou?

Os questionamentos tiveram por finalidade fazer com que os estudantes realizassem uma leitura crítica em torno das duas músicas ouvidas, ao passo que esses se sentissem à vontade para falarem o seu ponto de vista. Para esse momento, contamos com a participação de 27 estudantes que ouviram ambas as músicas muito atentamente, inclusive parte desses interagiram cantando as letras musicais, principalmente a primeira por ser amplamente conhecida por eles. Os alunos conseguiram identificar que as letras apresentavam em comum a temática da seca e destacaram que o nosso clima semiárido não deve ser compreendido como uma limitação para o desenvolvimento das atividades da agricultura, tendo em vista que o país de Israel, apesar de possuir o clima desértico, é referência mundial no setor agrícola.

Concluídas as discussões em torno das músicas que denunciam os problemas da seca, demos início a próxima atividade que consistia na realização de uma pesquisa na internet sobre o que são as tecnologias sociais hídricas. Optamos pela atividade de pesquisa por acreditarmos que essa tenha um grande potencial ao poder favorecer a ampliação do entendimento dos estudantes sobre o tema proposto, visto que, ao realizarem a pesquisa, necessitam selecionar, organizar e interpretar as informações e os dados acessados.

Os estudantes conseguiram compreender que as tecnologias sociais hídricas desempenham um papel muito importante para a sociedade ao promoverem um conjunto de métodos e técnicas capazes de solucionar problemas voltados à escassez, à captação, ao armazenamento e ao uso da água. Essas geram melhorias na vida das famílias do Semiárido brasileiro, além de permitir a democratização do acesso à água, o que já vem sendo aplicado por organizações como a Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA).

Na segunda etapa da sequência, solicitamos que os estudantes realizassem entrevistas com pessoas que vivenciaram secas anteriores para a obtenção de relatos concretos sobre o fenômeno no município de Afogados da Ingazeira.

Os estudantes realizaram as entrevistas com mulheres agricultoras, mulheres essas que relataram as dificuldades enfrentadas por elas e suas famílias durante os períodos de seca, tais como: a perda do gado e da plantação, o transporte de água por longas distâncias, a

ingestão de água imprópria para o consumo, o distanciamento da família devido ao processo de migração e a falta de oportunidade em estudar por terem que ajudar a família.

Após a realização da atividade proposta, questionamos aos estudantes sua opinião em torno do seu desenvolvimento, os mesmos mencionaram haver gostado e acreditam terem conseguido compreender muitos aspectos voltados ao fenômeno da seca através das vivências reais de pessoas próximas mais experientes. Outrossim, destacaram que, a todo instante em que a atividade era realizada, recordavam de trechos do livro *O Quinze*, reafirmando o que havia sido lido anteriormente e aumentando ainda mais a credibilidade em torno do tema.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Riacho do Navio
Corre pro Pajeú
O rio Pajeú vai despejar
No São Francisco
O rio São Francisco
Vai bater no meio do mar [...]
(Letras, 2023).

Assim como a letra da canção *Riacho do Navio* de Luiz Gonzaga busca apresentar o destino do curso fluvial-temporário-afluente do Rio Pajeú que corta o sertão pernambucano, neste texto buscamos apresentar o percurso feito durante o desenvolvimento de uma pesquisa-ação realizado em uma escola do sertão de Pernambuco. Não obstante, enquanto na música o rio tem por finalidade “bater no meio do mar”, a finalidade central da pesquisa foi o de analisar como o letramento literário contribui para aprender o fenômeno da seca no ensino da Geografia com os estudantes do ensino médio.

Para tal, e por meio da pesquisa-ação, elaboramos e aplicamos três sequências didáticas durante o primeiro bimestre de 2023, tendo em vista a compreensão das características do Semiárido e o espaço de vivência dos participantes. Buscamos um processo de ensino-aprendizagem que, por meio da realidade geográfica em que os sujeitos participantes estão inseridos, observasse a relação entre o fenômeno estudado e a sociedade como um todo integrado, porque, enquanto sujeitos sociais, assumem responsabilidades frente aos problemas socioambientais existentes.

As atividades realizadas através das SD possibilitaram aos estudantes compreenderem a seca como um fenômeno socioambiental a partir de suas vivências. Isso foi diagnosticado através das discussões geradas pela leitura do romance *O Quinze*, em que os estudantes relatavam suas práticas leitoras. As SD fomentaram situações didáticas que motivaram uma participação com comprometimento dos estudantes, zelando prioritariamente pela produção do conhecimento de maneira que fosse capaz de vencer muitos estereótipos sobre a região Semiárida do Nordeste.

Diante do exposto, esperamos que nosso trabalho investigativo tenha sido o gatilho inicial para que outras reflexões venham a surgir com a ampliação de uma leitura mais densa em torno dessa temática. Apesar dos obstáculos enfrentados, tais como: motivar os estudantes a fazerem a leitura literária assimilando o contexto da obra aos conteúdos geográficos; escolher obras que tenham significado para os estudantes e dispor de um quantitativo de aulas de Geografia considerado pequeno na grade curricular. Acreditamos que o estudo contribui para a área da Geografia Escolar, em especial, para a linha de pesquisa "as linguagens no ensino da Geografia". Contudo, alguns questionamentos ainda se fazem presente:

- Quais as condições necessárias para que o letramento literário se torne mais efetivo na sociedade e faça mais sentindo para os estudantes?
- Será o letramento literário uma prática que pode se estender além do campo da linguagem?
- De que forma poderíamos aprimorar o letramento literário ao ensino da Geografia?

Como diz Soares (2009, p.60), "é sempre bom terminar com perguntas e não com soluções", os questionamentos já foram postos, vamos agora em busca de outras problematizações temáticas!

## REFERÊNCIAS

AB'SABER, Aziz Nacib. **Sertões e sertanejos:** uma geografia humana sofrida. *In:* Estud. Av. vol.13 nº.36. São Paulo Maio/Ago. 1999. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141999000200002. Acesso em: 01 jun. 2022.

AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS (BRASIL). **Cartilha do observador:** monitor de secas. Brasília: ANA, 2020.

AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS (BRASIL). **Glossário:** monitor de secas. Disponível em: http://monitordesecas.ana.gov.br. Acesso em: 27 set. 2023.

ANDRADE, Juliana Carli Moreira. Entre a Linguística e a Literatura: Letramento Literário. *In:* COLE, 17. Campinas, 2009. **Anais**... Campinas: Anais do 17 COLE, 2009.

ARAÚJO, Sergio Murilo Santos de. As secas e suas consequências sobre os recursos do semiárido brasileiro. **Revista de Geociências do Nordeste**, v. 7, p. 52-58, 2021.

BARBIER, René. **A Pesquisa-Ação**. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Liber, 2004.

BATISTA, Ana Neri Cavalcanti. **O ensino de Geografia e a convivência com o Semiárido:** pesquisa-ação com alunos do Ensino Médio no Município de Olivedos, PB. 2019. Tese (Doutorado em Geografia) - Centro De Ciências Exatas e da Natureza, Universidade Federal da Paraíba, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

CAMPOS, Rui Ribeiro de. A geografia da semi-aridez nordestina e a MPB. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia/MG, v. 18, n. 35, p. 169-209, dez. 2006. Disponível em: http://www.seer.ufu.br/index.php/sociedadenatureza/article/view/9256/5700. Acesso em: 02 maio 2023.

CAVALCANTE, Tiago Vieira. **Geografia Literária em Rachel de Queiroz**. 2016. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, 2016.

CAVALCANTE, Tiago Vieira. Por uma geografia literária: De leituras do espaço e espaços de leitura. **Revista da ANPEGE**, [S.l.], v. 16, n. 31, p. 191-201, mar. 2020.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2021a.

COSSON, Rildo. **Como criar círculos de leitura na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2021b.

COSSON, Rildo; LUCENA, Josete Marinho de. **Prática de letramento literário na escola:** propostas para o ensino básico. João Pessoa: Editora UFPB, 2022.

ENGEL, Guido Irineu. Pesquisa-ação**. Educar em Revista**, Curitiba, n. 16, p. 181-191, 2000.

FERNANDES, Felipe Moura. Geografia e literatura (ciência e arte): proposições para um diálogo. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, n. 33, jan./jun. de 2013, p. 167-175.

FREITAS, Rafael Alves de; PADILHA, Marcela do Nascimento. (2020). **Geografia e literatura:** um elo possível por meio da obra "O Quinze", de Raquel de Queiroz. GEOFRONTER, Rio de Janeiro, v.6, UEMS. Disponível em: https://periodicosonline.uems.br/index.php/GEOF/article/view/4873. Acesso em: 04 jul. 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 175 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades e Estados**. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pe/afogados-da-ingazeira.html. Acesso em: 11 out. 2022.

LETRAS. **Riacho do Navio**. Disponível em: https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/47101/. Acesso em: 15 set. 2023.

LIMA JUNIOR, Guibson da Silva Lima. **Os problemas socioambientais no ensino de Geografia**: As questões locais nos anos finais do Ensino Fundamental. 2021. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia. Centro de Ciências Exatas e da Natureza, Universidade Federal da Paraíba, 2021.

MARTINS, Eduardo Sávio *et al.* **Água Brasil:** Monitor de Secas do Nordeste, em busca de um novo paradigma para a gestão. 2. ed. Brasília: Banco Mundial, 2015, 124 p.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. O conteúdo geográfico nos espaços romanescos. **Ciência e Trópico**, Recife, p. 171-206, 1988.

MOURA, Marcelo de Oliveira. O romance e a seca: uso da literatura como estratégia para o ensino da temática riscos ambientais. *In:* Antonio Carlos Pinheiro; Wellington Alves Aragão. (org.). **Formação de professores, metodologias e ensino de geografia**. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2019, v. 1, p. 47-62.

OLANDA, Diva Aparecida; ALMEIDA, Maria Geralda de. A geografia e a literatura: uma reflexão. **Geosul.** Florianópolis, v. 23, n. 46, p. 7-32, jul/dez 2008.

PAULINO, Graça. **Das leituras ao letramento literário – 1979-1999**. Belo Horizonte: Fae/UFMG; Pelotas: UFPel, 2010.

PROGRAMA ESCREVENDO O FUTURO. **Pedagogia dos Multiletramentos** - Parte1. Disponível em: https://youtu.be/IRFrh3z5T5w. Acesso em: 13 set. 2023.

PEREIRA, Anderson Gustavo Silva Macedo; BATISTA, Beatriz Bezerra. Leitura protocolada: a construção de sentido em um conto de Miriam Alves. *In*: COSSON, Rildo; LUCENA, Josete Marinho de (org.). **Prática de letramento literário na escola:** propostas para o ensino básico. João Pessoa: Editora UFPB, 2022, p. 136-147.

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. 93. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

ROSA, Cristina Maria. Letramento Literário. **Revista Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa**, São Paulo, v. 1, n.11, p. 188 -195, 2011. Disponível em: http://www.acoalfaplp.net Acesso em: 7 jul. 2023

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SUZUKI, Júlio César. Geografia e Literatura: abordagens e enfoques contemporâneos. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, São Paulo, SESC, n. 5, 2017. p. 129-147.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** 2 ed. São Paulo: Cortez, 2002.